



ID: 78876728

03-02-2019

A Nossa Gente (184) – Germano de Sousa

“Não me sentia bem em estar em todo o continente e não estar com o Centro de Medicina na minha terra natal”

Admite que algumas vezes quis regressar à sua terra, mas foi no continente que Germano de Sousa viveu e criou o seu Centro de Medicina Laboratorial. Há um ano que o mesmo centro marca presença nos Açores, facto que muito orgulha o médico. Nascido no Nordeste, este açoriano revelou-nos como foi estudar em Coimbra, ser médico na guerra de África e enfrentar desafios, como ser Bastonário da Ordem dos Médicos.

Nasceu no Nordeste, na ilha de São Miguel. Como decorreu a sua infância e o que mais recorda dela?

Tive uma infância muito feliz! O Nordeste era então, e com muita propriedade, chamado de a “Décima Ilha” pelo isolamento em relação a Ponta Delgada, distante quase cinco horas no camionete do Cardoso Pereira. Nem ilha em frente havia! Quando muito tínhamos atrás a Ilha de Santa Maria, onde estavam os meus avós paternos que eu bem pequeno ainda visitava, fazendo a viagem nos iates do Parece. Mas a vila era linda e um oásis de paz. Não tínhamos luz eléctrica, lembro-me de acompanhar o funcionário da Câmara que todos os dias acendia os candeeiros que iluminavam o centro da vila. A minha avó era a directora das Escolas Primárias da Vila e levava-me com ela bem pequeno ainda para a escola, coisa que eu adorava. Foi no Nordeste que desde que aprendi a ler criei um gosto pela leitura que nunca mais me largou e me valeu alguns puxões de orelhas quando com 11 anos, numas férias passadas em casa dos meus avós, fui apanhado a ler o Crime do Padre Amaro.

Os estudos decorreram com normalidade? Por que escolas passou?

Fiz os primeiros anos de escolaridade na Escola Primária masculina da Vila do Nordeste, situada então num edifício que hoje é sede da Nordeste Activo. Fui admitido no Liceu Antero de Quental, mas como o meu pai fora transferido para a Terceira foi no Liceu de Angra, então situado no velho Convento de São Francisco, que fiz todo o ensino secundário. Terminado este, segui para Coimbra onde cursei e me licenci em Medicina. De todos esses tempos guardo memórias de alegria e amizades que me ficaram para a vida, tanto mais que os anos de Coimbra foram vividos numa casa de estudantes açorianos, a Real República dos Corsários das Ilhas, centro afectivo de muita da comunidade estudantil açoriana que ali se sentia como se não tivesse deixado as nossas ilhas.

A medicina sempre foi um objectivo na sua vida?

Tirando o período em que quis ser “cowboy” e comandante de navios, quando entrei para o liceu as aulas de ciências naturais despertaram o meu interesse pela biologia, matéria em que durante todos os anos do curso secundário fui sempre um dos melhores, se não o melhor aluno. Nas férias do 5º ano (actual 9º) li o “Doutor Arrowsmith”, do escritor Sinclair Lewis, cujo protagonista era um médico e investigador abnegado. Esse livro,



Germano de Sousa revelou-se ao longo da sua vida como um médico curioso e inteligente

juntamente com o exemplo e dedicação de alguns médicos amigos da minha família e as histórias que a minha avó materna me contava sobre um seu irmão médico, o meu tio-avô Hermano de Medeiros que não cheguei a conhecer e que foi cirurgião e “Enfermeiro-Mor” (Provedor) dos Hospitais Civis de Lisboa, levaram-me a escolher a medicina cumprindo uma vocação que juntava o interesse pelas ciências biológicas à pulsão de ser útil aos outros.

Que impacto teve a ditadura de Salazar na sua vida enquanto docente e médico?

Terminado o Curso em Outubro de 1967, que durava então sete anos, sendo o último ano de estágio prático, concorri no Janeiro seguinte a uma das 10 vagas abertas nos Hospitais da Universidade para o internato geral, as quais pela primeira vez eram remuneradas. Classificado em 3º lugar fui, devido à minha participação na resistência estudantil ao salazarismo, proibido pela PIDE de tomar posse do mesmo. Tal proibição impediu também a concretização de um convite para assistente que me foi feito pelo Prof. Nunes Vicente com quem já estagiara no último ano do curso e era o meu orientador da tese.

“A intenção foi a de disponibilizar aos Açorianos toda uma série de exames de qualidade e que ultrapassassem os exames da grande rotina mais comum, já realizados nos laboratórios açorianos desde há muito e com muita qualidade...”

Onde começou a sua carreira na medicina?

Como não podia trabalhar no Estado e necessitava de deixar de viver à custa dos meus pais, graças ainda ao Prof. Nunes Vicente, comecei a exercer a profissão privadamente na Clínica de Santa Teresa, que era propriedade do Professor. Poucos meses depois fui convocado para fazer o serviço militar, coisa que a todo o momento espera-

va, pois a guerra de África necessitava de todos os médicos disponíveis. Após passar alguns meses na Escola Prática de Infantaria de Mafra para aprender alguns rudimentos da “militança”, sou colocado na Escola de Saúde Militar na Estrela, onde durante três meses colegas mais velhos e experientes ensinavam as realidades, patologias e os problemas médico-cirúrgicos que poderiam surgir nas frentes militares em África. De seguida sou colocado no R.I. 15 em Tomar e no Hospital Militar da mesma cidade. Estou aí um ano, o qual procurei que fosse o mais normal possível. Durante esse tempo casei, exerci medicina privada num consultório de um colega, no hospital da Misericórdia e na única Clínica privada com internamento que lá existia. Fui ainda médico de vários sindicatos.

Como foi esta experiência de ter sido mobilizado para Angola?

Em Agosto de 1969, a normalidade que tentava dar à minha vida acabou: sou mobilizado para Angola. Foi um momento muito difícil para mim, como terá sido para todos os que enfrentaram esse destino. Acrescia que deixava cá minha mulher, grávida da que viria a ser a minha filha, o que aumentava as minhas preocupações e angústia. Embarquei no Vera Cruz e 11 dias depois desembarcava em Luanda. Com rumo à Zona Militar Leste, mais concretamente ao Luso (actual Luana) onde fui colocado no Enfermaria Militar dessa pequena cidade que era então quartel-general e rectaguarda de todas as forças que actuavam no leste de Angola, cobrindo uma área sete vezes maior que Portugal. A Enfermaria ficava ao lado do Hospital Civil e servia apenas de zona de internamento. Tudo o mais (cirurgia, laboratório, radiologia, etc) passava-se nesta unidade civil onde aliás todos os onze médicos militares trabalhavam, assistindo toda a população da cidade e da zona; só havia um médico civil. Aí estive durante dois anos, interrompidos por um estágio de três meses no laboratório do Hospital Militar de Luanda. O tempo que passei no Luso foi de uma actividade constante e foi o melhor internato geral que podia alguma vez ter tido. De tudo fiz e apoiado no saber dos colegas mais velhos especialistas em medicina interna, cardiologia, cirurgia e ortopedia tornei-me num médico generalista experiente. Também durante esse tempo fui o responsável pelo laboratório o que determinou a escolha futura da especialidade. Passei momentos muito difíceis quando tinha de me deslocar a unidades colocadas ao longo do Caminho de Ferro de Benguela, em vagarosos comboios do século XIX frequentemente atacados pela UNITA e pelo MPLA ou explodidos por



Germano de Sousa com a sua equipa de trabalho

“Evitamos a deslocação desnecessária de doentes a Ponta Delgada indo ao seu encontro por toda a ilha”

necessita de ser alterado ou mantido?

O SNS é central e tem que ser posto realmente ao serviço do doente independentemente se quem presta o serviço é público ou privado. O que interessa é que, como diz a constituição, o acesso a serviços de saúde seja universal e gratuito. A proposta de Lei de bases resultante do grupo dirigido pela Dr.ª Maria de Belém é excelente e devia ser aprovada consensualmente por todos os partidos. Infelizmente a ideologia inquina tudo e vai ser muito difícil obter um consenso que sirva o cidadão e que não destrua o SNS, pois as juras de amor de alguns partidos de esquerda ao SNS fazem lembrar os abraços de urso tão intensos, tão intensos que afogam e matam.

Muitos foram os cargos que exerceu ao longo da sua vida. Quais os que mais destaca como sendo mais importantes para si?

Ter sido o Director de Serviço mais novo de sempre dos Hospitais Cívicos de Lisboa, ter feito parte do corpo docente da Faculdade Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, ter ensinado não só gerações de médicos como ter estruturado a especialidade e ter preparado e ensinado inúmeros especialistas, quer nos Serviços que dirigi, quer nas sucessivas edições do Curso de Mestrado que regi. Ter sido Bastonário da Ordem dos Médicos e por fim ter criado com os meus filhos o maior e mais prestigiado Centro de Medicina Laboratorial do País.

O Centro de Medicina Laboratorial Germano de Sousa nos Açores celebra agora um ano de existência. Com que propósito nasceu?

Naturalmente com a intenção de poder oferecer aos Açorianos toda uma série de exames de qualidade e que ultrapassassem os exames da grande rotina mais comum, já realizados nos laboratórios açorianos desde há muito e com muita qualidade. Refiro-me aos testes e exames de genética, patologia molecular e de genómica do cancro altamente inovadores e que são fundamentais para o novo paradigma da medicina: a Medicina personalizada ou de Precisão. A outra razão porque quis vir para os Açores é sentimental. Não me sentia bem em estar presente em todo o Portugal Continental e não estar na minha terra natal.

Passado este tempo, que balanço faz da atividade que o centro tem desenvolvido por cá? Os Açores evoluíram em termos da medicina laboratorial?

Como disse os laboratórios açorianos têm muita qualidade. Tanta qualidade que o nosso Centro partiu da aquisição e fusão dos excelentes laboratórios Rhesus e Atlantilab, respectivamente da Dr.ª Cristina Preto e da Dr.ª Helena Câmara que felizmente continuam a ser nossas colaboradoras e Directoras do nosso Centro. O nosso Centro nos Açores tem crescido muito neste ano nomeadamente porque oferecemos os nossos serviços a toda a população da Ilha de S. Miguel, mediante a abertura de centros de colheita em vários pontos da ilha que evitam deslocações desnecessárias dos doentes a Ponta Delgada.

Investir na sua terra é um orgulho? Que desafios encontra ao investir na nossa ilha?

Claro que é um grande orgulho e uma grande satisfação e alegria. Era quase uma obrigação, tanto mais que a região pela minha vida profissional

entendeu distinguir-me há alguns anos atrás com a Insignia de Reconhecimento Autônomo de que muito me orgulho.

Do que sente mais saudades em relação aos Açores? Alguma vez pensou voltar definitivamente?

Algumas vezes quis regressar em especial nos primeiros anos de exercício da minha profissão, após terminar a minha comissão como médico militar. Não só fazia a especialidade nos Hospitais Cívicos de Lisboa (Hospital do Desterro) como trabalhava num laboratório privado, exercia clínica e fazia urgências em hospitais para arredondar o magro salário que recebia como interno. O esforço era grande e os anos do Processo Revolucionário em Curso (PREC) foram uma desorientação total. Depois a realidade impôs-se e organizei a minha vida no Continente. Mas a saudade dos Açores foi e é uma constante. Como escreveu Daniel de Sá, “Sair da Ilha é a pior maneira de ficar nela” e quem partiu para a diáspora sabe-o bem, mesmo quando faz parte da diáspora continental. Mesmo aí o coração e a alma do açoriano continuam nos Açores! E nos anos 60 quando vim estudar para Coimbra os Açores ficavam tão longe...

Com que frequência vem à Região?

Passamos, eu e minha mulher, todos os Agostos na Vila do Nordeste, na casa onde nasci, que era dos meus avós e agora é minha e que fica mesmo junto à Matriz. Aí reúno toda a família, filhos e netos que enchem de alegria e felicidade as minhas férias nordestenses. Durante o resto do ano, uma vez por outra vou a São Miguel, ficando numa casa que tenho em Ponta Delgada. Por vezes vou à Terceira encontrar-me com amigos de sempre e matar saudades de tempos muito felizes.

Tem os seus filhos a trabalhar consigo. É um pai e um médico mais feliz por isso?

Trabalham diariamente ao meu lado. São ambos Patologistas Cínicos experientes e prestigiados. Sem eles o nosso grupo de laboratórios que cobre todo o país, e é 100% português e médico e que se não vendeu a estrangeiros (como infelizmente aconteceu com os principais laboratórios portugueses do Continente), não teria chegado tão longe. Admiro-os muito e tenho muito orgulho neles. Sou por isso um médico e um pai muito feliz, tanto mais que eles irão continuar melhor que eu o grupo que com eles criei e desenvolvi e que também só foi possível pelo apoio constante da minha mulher, companheira de uma vida!

O que lhe apraz realizar nos seus tempos livres e na companhia da sua família?

Gosto muito de ler e sou um amante da História, nomeadamente da História da Medicina que há muito investigo. Essa investigação feita nas horas livres permitiu que em 2013 publicasse um livro com o título “História da Medicina Portuguesa durante a Expansão”, editado pela editora Temas e Debates/Círculo de Leitores. Por ser um cultor da História da Medicina, sou também o Alto-Comissário para o Museu Nacional da Saúde que não existia e que já abriu portas em Lisboa. Com a família costumamos sair juntos e vamos sempre, para além do nosso Nordeste, a vários sítios no estrangeiro.

Patrícia Carreiro

fulcral na prática médica. Tenho muito orgulho em ter sido quem activamente promoveu essa transformação. Depois, em 1993, fui em simultâneo Director do Hospital dos Capuchos e do Desterro e em 1995 aceitei o desafio de por de pé o Serviço de Patologia Clínica do Hospital Fernando Fonseca, um enorme hospital de 700 camas sito na Grande Lisboa. Aí fiquei até à reforma e protagonizei a primeira experiência de gestão autónoma de um Serviço Hospitalar.

Tive também uma carreira académica. Na Faculdade de Ciências Médicas então recém criada fui assistente de semiótica laboratorial e a partir de 1989 fui durante 20 anos Professor Associado da mesma faculdade. Durante esse tempo criei e regi o curso de Mestrado em Patologia Química e estive à frente do Gabinete de Ensino pós-graduado.

Ser Bastonário da Ordem dos Médicos foi uma responsabilidade. Que maiores desafios encontrou neste cargo?

Falar sobre isso dava um livro! Foram seis anos de constante dedicação lutando por uma cada vez melhor qualidade na Medicina colocada ao serviço do doente, nomeadamente através da dignificação das carreiras médicas no que elas significavam de preparação e constante actualização. Foi também uma luta constante pelo renovar do orgulho de ser médico que tinha sido abalado por sucessivas notícias muitas vezes falsas ou exageradas de promiscuidade com a indústria farmacêutica. Foi também um refrescar da deontologia e da ética e da disciplina, tendo aplicado algumas punições que chegaram à expulsão de um clínico e suspensões de exercício da profissão em períodos que chegaram aos quatro anos. Foram também seis anos em que tive de me relacionar com quatro ministros diferentes frente aos quais, com toda a diplomacia mas também com toda a firmeza, consegui que aceitassem as ideias defendidas pela Ordem dos Médicos. Inclusive consegui, graças também à clareza de espírito da então Ministra Maria de Belém, que o Governo presidido pelo Eng.º Guterres aprovasse um decreto definidor do acto médico, que infelizmente teve um veto de gaveta do Presidente Sampaio, muito mal aconselhado pelos seus assessores.

Na sua opinião, como se encontra o Serviço Nacional de Saúde (SNS) actualmente e o que

“O nosso Centro nos Açores tem crescido muito neste ano nomeadamente porque oferecemos os nossos serviços a toda a população de S. Miguel, mediante a abertura de centros de colheita em vários pontos da ilha que evitam deslocações desnecessárias dos doentes a Ponta Delgada”

minas colocadas na via-férrea. Muito havia que contar, mas o jornal não chegava para tanto. Apenas referir que a minha mulher, grávida de seis meses, farta de estar sozinha na metrópole foi ter comigo. Três meses depois nascia a minha filha num parto demorado, sem complicações mas do qual fui eu o parteiro. Foi o dia mais feliz da minha vida, só igualado com o nascimento do meu filho!

Quando regressa a Portugal de que forma seguiu a sua carreira enquanto médico?

Mal chegado, em fins de 1971, fiz exame para entrar no Internato da Especialidade (a primeira vez que se utilizou o Tratado de Medicina Interna do Harrison como base das perguntas). Tocado pelo “bichinho do laboratório” optei pela especialidade de Análises Clínicas (actual Patologia Clínica) e fui colocado no Hospital do Desterro que integrava o conjunto dos Hospitais Cívicos de Lisboa (HCL). Em 1977, faço concurso de provas públicas para Especialista Hospitalar dos Hospitais Cívicos tendo sido aprovado em 1º lugar entre 50 concorrentes. Em 1979, também após provas públicas, sou aprovado com mérito absoluto e relativo como Chefe de Clínica dos HCL (actual Chefe de Serviço). Em 1981, sou nomeado Director do Serviço de Patologia Clínica do Hospital do Desterro. A mudança de nome da especialidade de Análises Clínicas para Patologia Clínica não se limitara a uma alteração da sua designação. Correspondeu a uma alteração muito grande do curriculum, do tempo de estágio e na adaptação aos novos tempos que a tornavam



Correio dos Açores

www.correiodosacores.pt

Domingo, 3 de Fevereiro de 2019 • Director: Américo Natalino Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso • Diário fundado em 1920 por José Bruno Carreiro e Francisco Luís Tavares • Ano 99 n.º 31744 Preço: 0,80 Euros

Créditos Pessoais NB. Há um que é para si. Pense nos seus planos. Pense em sim.

NOVO BANCO DOS AÇORES

Editorial

Um crime com rostos

1- Ao lermos o Relatório da auditoria à Caixa Geral de Depósitos parece que mergulhamos na trama de um filme de Al Capone passado em Portugal na primeira década do segundo milénio.

2- O dinheiro depositado na Caixa Geral de Depósitos serviu para criar uma teia de poder assustador, com a compra de participações em várias empresas incluindo a banca, privada como o BCP, que terminou depois quase numa tragédia salva pela participação angolana e chinesa.

3- Os empréstimos de milhões e milhões, eram feitos sem garantias para acautelar os riscos, e aprovados de forma leviana, direi mesmo irresponsável.

4- Enquanto isso, para os pequenos empréstimos eram exigidas garantias reais e pessoais, algumas delas chegando a ser quase duas vezes o valor do crédito, mas sem as quais não havia empréstimo.

5- A Caixa, entre muitas outras operações, participou e financiou a compra de bancos, de cimenteiras, de petrolíferas e até um consórcio para a compra de uma empresa concessionária de águas no Reino Unido.

6- Com a Caixa, o poder político criou uma extensa rede de influência e controlo do tecido empresarial, tendo para o efeito contado com o contributo dos dirigentes da Caixa, agindo por acção ou omissão consoante os interesses em jogo.

7- Analisados os mapas de grandes devedores que constam da auditoria à Caixa, concluímos que sete deles devem 1.092 milhões de euros, sendo que 3 deles são catalogados como de "risco grave" e 4 de "risco elevado". Para cobrir o risco desses clientes a Caixa Geral de Depósitos criou uma reserva de 53,8% daquele montante para imparidades.

8- Depois seguem-se 30 clientes com empréstimos no valor de 1.725 milhões de euros considerados devedores de "risco médio", mas que ainda assim a Caixa constitui uma reserva equivalente a 43,8% dos mil setecentos e vinte cinco milhões de euros de crédito.

9- Pela Caixa, na primeira década e meia do segundo milénio, passaram políticos do PS, do

PSD do CDS, e muitos outros independentes, mas que se acomodaram ao partido que na ocasião lhes convinha, como é norma de quem vende a alma ao Diabo para ter poder em benefício e proveito pessoal.

10- Por isso, todos os governos têm culpas no cartório, embora se deva realçar o período em que o Governo de José Sócrates apostou, e conseguiu dominar o poder económico e o poder da comunicação social, através do sistema financeiro, no caso, através da Caixa, do BCP e do BES.

11- O resultado está à vista e os culpados andam por aí, começando no próprio Presidente do Banco de Portugal, Carlos Costa, que entre 2004 e 2006 foi administrador da Caixa.

12- O que se passou com a gestão da Caixa Geral de Depósitos na primeira década e meia do milénio foi um crime de gestão danosa que tem responsáveis com rosto e que não podem passar incólumes, enquanto os contribuintes gemem com as consequências de toda a má gestão que já comeu mais de 16 000 milhões de euros do Estado.

13- Espera-se agora que a Comissão de Inquérito a criar na Assembleia da República trabalhe de forma célere e conclusiva.

14- Que os deputados no trabalho que se segue, tenham em conta a indignação e revolta que qualquer cidadão sente por ter sido vítima do saque feito a um banco público alimentado com o dinheiro dos seus depositantes.

15- E por Comissão de Inquérito, aquela que ocorreu na Assembleia Legislativa dos Açores sobre o Sector Empresarial Regional, revelou-se um flop, pela falta de conclusões com medidas políticas a ter em conta uma boa parte das empresas que se vão manter no sector público regional.

16- Pelos vistos estamos num planeta que transcende a realidade. Por tudo o que foi dito e pela matéria estudada durante os trabalhos temos de concluir que faltou criatividade e propostas alternativas por parte dos parlamentares. É pena!

Américo Natalino Viveiros

“O crescimento económico nos Açores está longe da meta fixada no programa 2020”

Joaquim Bastos e Silva
págs. 4 e 5

Germano de Sousa do Centro de Medicina Laboratorial

“Evitamos a deslocação desnecessária de doentes a Ponta Delgada indo aonde eles estão na ilha”

págs. 6 e 7

Padre Horácio

“Os jovens têm televisão, computador, telemóvel e quase que não sonham”

págs. 15 a 17

Flávio Soares JSD/Açores

“deve ser mais activa e mais dinâmica na sociedade açoriana”

págs. 12 e 13

MENU
EMPANADA/ FOLHADO + BEBIDA*
APENAS 2,25€

B.A.G.G.A.

A COMBINAÇÃO PERFEITA PARA TODOS OS MOMENTOS

31 DE JANEIRO A 14 DE FEVEREIRO DE 2019

ACYMBRON
Máquinas e Ferramentas

MOTAS

GRANDES MARCAS PEQUENOS PREÇOS

Azores Park: Stand 3.12
Tel: 292 20 19 20
@: comercial@acymbron.pt

Farmácia Garcia Parque Atlântico

Consulta Nutrição

Dê o primeiro passo para mudar a sua vida.

Desde 10€
Horário Alargado

Marque a sua consulta
296 302 420
www.farmaciacgarcia.net

Costa Pereira e Filhos, Lda
materiais de construção

Avenida Infante D. Henrique, nº 52 • 9560-022 Lagoa - S. Miguel
Tel. 296 960 200 • Fax 296 960 209